

Curso de Aperfeiçoamento  
**Brasil-Japão**

Gestão Pública e Educação em uma Perspectiva  
de Formação Multicultural do Programa Nacional  
de Administração Pública

---

## UNIDADE 1 - ARTIGO 2

# ”DE ONDE VIEMOS E QUEM SOMOS NÓS?” – A REFLEXÃO SOBRE MULTICULTURALISMO NA PERSPECTIVA DA ANTROPOLOGIA

---

Tetsuya Inamura - Universidade Aberta do Japão



**UFMT**  
EM REDE

Cuiabá - MT  
2018

Apoio: Projeto UFMT Popular

## UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO

### **Ministro da Educação**

Abraham Weintraub

### **Presidente da CAPES**

Anderson Ribeiro Correia

### **Diretor Nacional da UAB**

Carlos Cezar Mordenel Lenuzza

### **Reitora UFMT**

Myrian Thereza de Moura Serra

### **Vice-Reitor**

Evandro Aparecido Soares da Silva

### **Secretário de Tecnologia Educacional**

Alexandre Martins dos Anjos

### **Coordenador Geral do UFMT Em Rede**

Alexandre Martins dos Anjos



Esta obra está licenciada com  
uma Licença Creative Commons  
Atribuição 4.0 Internacional

*Apoio: Projeto UFMT Popular*

# ”DE ONDE VIEMOS E QUEM SOMOS NÓS?” – A REFLEXÃO SOBRE MULTICULTURALISMO NA PERSPECTIVA DA ANTROPOLOGIA

Tetsuya Inamura

## 1. Introdução

Nós aprendemos muitas coisas quando entramos em contato com pessoas diferentes e, ao mesmo tempo, nos encontramos e nos confirmamos neste processo. Isso significa que, ao se comparar com outros, se constrói ou então se renova a identidade própria, porém a identidade própria está fortemente relacionada ao grupo a que pertence. Como um exemplo, tive experiência com alunos universitários que foram estudar no exterior e tem sido perceptível o crescimento deles como pessoa. Antes de se mudar para o exterior, tinham dúvidas como “Quero fazer algo, mas ainda não sei o que quero fazer”. Eles e elas, a maioria, voltam do exterior com consciência dos problemas que existem e com um objetivo bem definido. Despertam, com toda certeza, o interesse pelas diferentes culturas, mas, ao mesmo tempo, se confirmam como sendo “japoneses” e conseguem enxergar a sociedade e a cultura com perspectivas de alguém que faz parte e, também, como alguém que está de fora do contexto.

Por outro lado, temos experimentado vários eventos trágicos como genocídios e guerras por causa de desentendimentos entre grupos de religiões, ideologias e culturas diferentes. Na sociedade atual, não são poucos os casos em que encontramos preconceito, discriminação, atritos e conflitos contra pessoas com aparência, idioma, cultura e valores diferentes dos nossos. Ano passado, na sociedade japonesa, foi comum entrar em contato com estrangeiros no Japão, assim como a comunidade brasileira Nikkei (descendentes de japoneses). Portanto, problemas como *bullying* em escolas, preconceito e discriminação tornaram-se recorrentes e, apesar de várias contramedidas que foram tomadas, ainda está longe de chegar a uma solução geral

para estes problemas. Pelo contrário, a discriminação contra as minorias se expande nos Estados Unidos sob o regime de Trump, estamos em uma situação em que a extrema direita está aumentando na Europa e a influência também está aparecendo no Japão.

Os alunos que estão participando deste curso devem concordar que a “Multiculturalidade” é “conviver, reconhecer e entender pessoas e diferentes grupos com diferentes aparências, estilo de vida, costumes, religiões, valores etc”. Mas, será que conseguem apontar os erros, com confiança, dos discursos de ódio repetidos por várias pessoas? Ou, então, digamos que você seja professor, você conseguirá, utilizando argumentos fundamentados, explicar e convencer um aluno que está praticando bullying com um colega estrangeiro de que o ato dele é totalmente estúpido?

Quando refletimos sobre “Multiculturalidade”, para podermos discutir com confiança e certeza, é necessário compreender questões fundamentais como “de onde vieram as pessoas?” “O que nós somos? O que é a nossa existência?”, utilizando isso como base, é importante buscarmos respostas para perguntas como: “o que é multicultural?” “Por que os seres humanos são culturalmente diversos?”, “Por que isso é importante?”. Por isso, neste capítulo, utilizando da perspectiva da antropologia, gostaria de explanar sobre a evolução humana, como os *Homo-Sapiens* se espalharam e se adaptaram pelo mundo, explicar, a partir da história da evolução, como se deu a origem e desenvolvimento da “capacidade empática” e explicar, também, como esta “capacidade empática” contribuiu para a construção de grupos e países. Além disso, relacionando a disseminação do *Homo-Sapiens*, vou explicar sobre as últimas pesquisas e estudos sobre as raízes dos “japoneses”<sup>1</sup>. Em seguida, gostaria de mencionar a origem da ideia de “raça” e seus erros, bem como várias perspectivas sobre o conceito de “etnia”. Por último, tocando no assunto sobre povos nativos e meio ambiente, gostaria de citar algumas reflexões relacionadas à “multiculturalidade”.

---

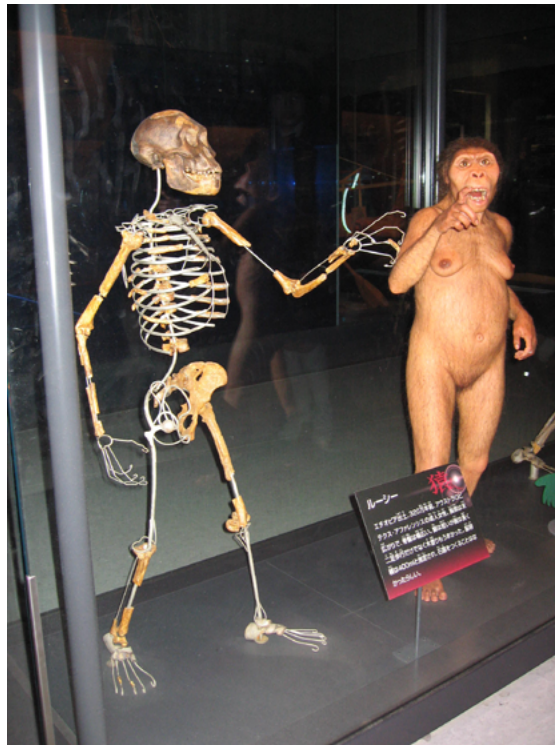
1 O autor é especializado em antropologia cultural, mas o tema como a evolução humana pertence à antropologia natural, que é diferente da especialidade do autor. Por esta razão, a antropologia natural e os achados genéticos referem-se à literatura.

## 2. Evolução da humanidade e o desenvolvimento da “capacidade empática”

### 2.1. A evolução e disseminação dos *Homo Sapiens*

A partir das pesquisas de fósseis descobertos até agora, sabe-se que os humanos nasceram da África Central há cerca de 7 milhões de anos (BABA, 2015). Em outras palavras, acredita-se que foi nesta época que os seres humanos se ramificaram de ancestrais comuns com macacos como chimpanzés e gorilas. O primeiro ser humano descoberto até agora é o *Sahelanthropus tchadensis* encontrado no Chade na África Central. A razão pela qual os *Sahelanthropus* são considerados humanos é que existe uma grande possibilidade de eles andarem como bípedes e na postura vertical, porque o buraco através do qual a medula espinhal do crânio passa é para baixo. O volume do cérebro é de cerca de 350ml, quase o mesmo que o do chimpanzé. Os dentes caninos diminuíram de tamanho, o que se acredita estar relacionado com a redução de brigas de machos disputando fêmeas e, também, pela diminuição da dominação violenta do macho sobre a fêmea. Os *Sahelanthropus* e os *Ardipithecus*, de uma era seguinte, são chamados de *shoki enjin*, “macacos primitivos” em japonês.

Datado como fósseis de ossos humanos de 300 anos após essa época, é bem famoso o *Australopithecus Aphaensis* (3,7 milhões a 3 milhões de anos atrás), descoberto na Etiópia e batizado com o nome da música dos Beatles “Lucy”. Quanto a esse indivíduo, restou o esqueleto de cerca de metade de todo o corpo, de modo que as características gerais são bem compreendidas.



**Figura 1 - Modelo do esqueleto e do corpo do *Australopithecus***

Chamado de *enjin*, “macaco” em japonês, esse companheiro é pequeno, mas a pelve é como uma “tigela rasa” que sustenta os órgãos internos, a estrutura do pé não é muito diferente das pessoas modernas. Acredita-se que a capacidade de andar como bípede, na postura vertical, aumentou e tornou-se possível levar bebês e comida.

Cerca de 2,6 milhões de anos atrás, toda a Terra esfriou e atingiu o Pleistoceno da classificação da idade geológica. Embora seja o início do chamado período glacial, a partir de então, toda a Terra ficará resfriando e esquentando (glacial/interglacial) e este ciclo se repetirá violentamente. Depois de se tornar o Pleistoceno, o tempo seco na África avançou e a vivência nos campos se tornaram mais difíceis. Neste período, evoluiu as espécies que conseguiam manusear ferramentas feitas de pedras, as espécies conhecidas como *Homo*, chamados como *genjin* em japonês. A primeira espécie que surgiu foi a *Homo Habilis*, comparando com os *enjin* o cérebro ficou maior (entre 550-690ml), cortavam carne com as ferramentas primitivas de pedra e comiam restos de animais mortos que os predadores deixavam.

Cerca de 2 milhões de anos atrás, apareceram os *Homo Erectus*. Parte deles conseguiu partir da África há 1,8 milhão de anos atrás, se espalhando por toda Eurásia.



Eles caçavam usando ferramentas de pedra mais elaboradas (machados moldados e processados de ambos os lados) e reforçavam a tendência carnívora. As características principais do corpo são as pernas mais longas que possibilitaram locomoção de distâncias mais longas e o cérebro que cresceu a um tamanho maior (750~1000ml), cerca de 2/3 do tamanho do cérebro do *Homo Sapiens* (média de 1350~1400ml).



**Figura 2 - Modelo do esqueleto e do corpo do *Homo Erectus***

Dos *Homo's* que ficaram na África, surgiram os *Homo Heidelbergensis*. Dentre eles, uma parte que saiu da África há 500 mil anos atrás evoluiu para espécie dos *Homo Neanderthalensis* (Neandertais). Eles possuíam um cérebro maior (1500ml) que a dos *Homo Sapiens*, se adaptaram ao clima frio e se espalharam da Europa para a Ásia Ocidental e Central.



**Figura 3 - Modelo do esqueleto e do corpo do *Homo Neandertal***

Uma característica do povo Neandertal é ser conhecido por realizarem “enterro” dos mortos. Na mesma caverna onde foram encontrados os fósseis, evidências de um corpo que viveu cerca de 40 anos com deficiência também foram encontradas, e acredita-se que tinham uma cultura para ajudar uns aos outros. Começaram a construir diversas ferramentas de pedra para caça e corte de animais, sendo capazes de se organizar em grupo para a caça de animais de grande porte.

Enquanto isso, cerca de 200 mil anos atrás, os parentes dos *Homo Heidelbergensis* evoluíram para os nossos ancestrais diretos, os *Homo Sapiens*, chamados de *shinjin* em japonês. Os *Homo Sapiens*, partiram da África há cerca de 70 mil anos atrás e se deslocaram/espalharam por toda a Terra. Com excelentes ferramentas feitas de lâminas de pedras e chifres, e com excelente adaptabilidade cultural, os *Homo Sapiens* ampliaram a área de vivência e aumentaram a sua população. Os Neandertais se extinguíram cerca de 30 mil anos atrás, mas, durante alguns milhares de anos, viveram juntos com os *Homo Sapiens*. Com análises de DNA feitas recentemente, foi constatado que parte dos *Homo Sapiens* se misturaram com os Neandertais.



Os *Homo Sapiens* saíram da África para o continente da Eurásia quando deu início a última era glacial. Os *Homo Sapiens* possuíam excelentes habilidades de caça e coleta, além da excelente capacidade cognitiva, estavam se espalhando e aumentando sua população, mas não conseguiram avançar, inicialmente, para o solo extremamente frio. Porém, com a adaptabilidade cultural, inventaram a agulha para costurar, sendo capazes de confeccionar roupas utilizando tecidos e peles para proteger o corpo. Há cerca de 15 mil anos atrás, partiram da borda Nordeste da Ásia e chegaram ao Alasca. Na época da geleira, o nível do mar declinou quase 100 metros e o atual Estreito de Bering era terra, portanto o continente asiático e o Alasca estavam conectados pelo solo. Foi por este motivo que a humanidade conseguiu chegar ao Alasca enquanto caçavam mamutes no gelo e na neve.

No entanto, a migração foi interrompida pela enorme camada de gelo que se desenvolveu na parte Sudoeste do Alasca (agora a parte Norte das Montanhas Rochosas do Canadá), a humanidade não conseguia ir para o Sul a partir daí. Cerca de 13.000 anos atrás, quando o período glacial acabou e a Terra começou a aquecer, a camada de gelo foi derretida e surgiu uma passagem ao Sul, permitindo que a humanidade se deslocasse para o Sul das Américas. A humanidade se deslocava para o Sul enquanto caçavam animais com fartura e aumentavam sua população, até que, em cerca de mil anos, atingiram o extremo Sul da América do Sul e se estabeleceram também em regiões da Amazônia. Todo este deslocamento da humanidade é conhecido como “A grande jornada”.

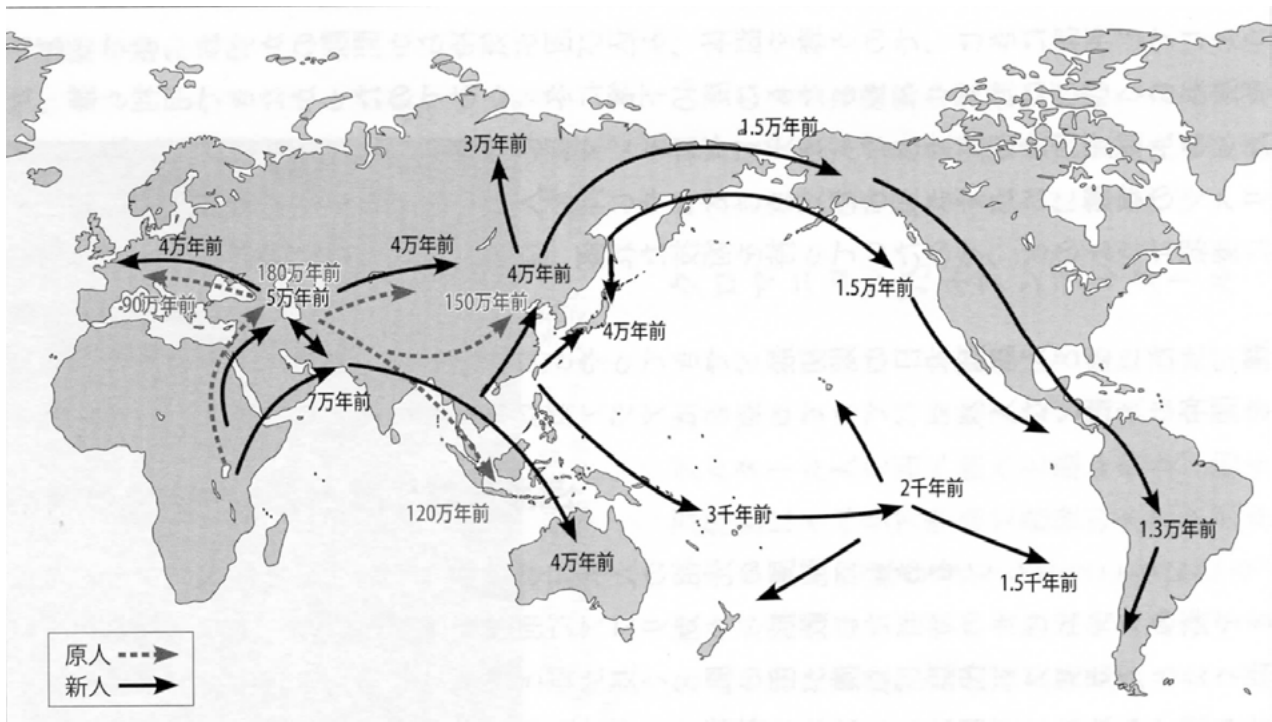


Figura 4 - *Homo* e *Homo Sapiens* saindo da África e se espalhando pelo mundo

## 2.2. A “capacidade empática” e a evolução do ser humano

Numa pesquisa sobre gorilas, um dos maiores especialistas do mundo, Juichi Yamagiwa (Reitor da Kyoto University), comparando humanos e primatas, constatou que os humanos possuem uma característica importante chamada de “capacidade empática”. O ser humano herdou esta característica dos primatas que conseguiam sobreviver no ambiente perigoso, fora das florestas tropicais, transformando suas fraquezas em forças. E dizem que a fonte dessas forças foi a capacidade de solidariedade desenvolvida através da distribuição de alimentos e cuidados infantis cooperativos (YAMAGIWA, 2018). A seguir, resumirei os principais pontos da tese de Yamagiwa.

Os primatas mantiveram a onivoridade de comer frutas maduras, insetos, folhas macias, enquanto outros macacos desenvolviam a capacidade digestiva dos intestinos e se espalhavam para um amplo espectro. Este foi um fator limitante para alimentação e habitat, e se tornou um ponto fraco para o aumento da população de primatas e expansão do habitat. Os seres humanos herdaram a característica onívora dos primatas e passaram a consumir carne também. A ingestão de altas calorias tornou-se possível

pela dieta da carne, que promoveu o desenvolvimento do cérebro. Além disso, o uso e o manuseio do fogo, recém-descoberto, aumentaram a eficiência digestiva, reduzindo o trato gastrointestinal e tornando o fornecimento de energia ao cérebro mais eficiente.

Por mais que a marcha bípede ereta seja inferior em velocidade de deslocamento, as mãos ficam livres, de modo que o transporte de alimentos se torna fácil. Isso possibilitou que os homens andassem extensivamente para coletar alimentos e fornecê-los para mulheres e crianças em um lugar seguro. Além disso, os seres humanos herdaram outra fraqueza dos primatas, o “crescimento lento”, e acabaram por potencializar essa fraqueza.

Os seres humanos tinham dificuldade em parir o bebê com a cabeça grande, porque a forma da pélvis havia sido alterada pela marcha bípede vertical e o canal de parto das mulheres se estreitara. Portanto, os bebês começaram a nascer enquanto o cérebro fosse pequeno e, com isso, o crescimento se tornou ainda mais lento. Então, assistências à infância por cooperação de um marido e parentes se tornaram necessárias, e os grupos se expandiam por conta disso. A expansão do tamanho da população aumentou a complexidade das relações sociais, o que promoveu maior desenvolvimento do cérebro e aumentou a “capacidade empática” dos seres humanos.

### 2.3. Expansão da produção de alimentos / grupo e desenvolvimento de capacidade empática

Os primatas *enjin* que saíram das florestas para viver no campo comiam restos das comidas de predadores carnívoros (carnes e medulas de animais herbívoros vítimas), mas quando chegaram na fase dos *genjin* (homo), tornaram-se caçadores de animais selvagens utilizando de ferramentas feitas de pedras. A humanidade, que adquiriu a capacidade empática, protegia-se mutuamente contra predadores carnívoros e a natureza severa, aumentava a cooperatividade dentro do grupo para caçar e cuidar das crianças. Uma resiliência importante para o início da raça humana, para sobreviver, eram os laços do vínculo pela “capacidade empática”.

Os nossos ancestrais diretos, os *Homo Sapiens*, saíram da África, num processo em que se espalhavam e se adaptavam à Terra, era importante a “adaptabilidade flexível” e, como resultado, nasceu uma grande “diversidade cultural”. Os *Homo Sapiens* que deixaram a África coexistiram com os Neandertais durante dezenas de milhares de anos. Parte dos *Homo Sapiens* se misturaram com os Neandertais, aumentaram sua área de ocupação e população, levando os Neandertais à extinção. Uma excelente resiliência que os *Homo sapiens* adquiriram foi a tecnologia eficiente capaz de ataques a distância, como um lançador de dardos e arco e flechas, uma cultura flexível e diversificada. Além disso, uma habilidade importante que tornou o *Homo Sapiens* superior foi a “capacidade empática” desenvolvida em conjunto com a linguagem falada. Harari enfatizou que a humanidade ganhou a “capacidade de reconhecer a ficção”, chamando-a de “revolução cognitiva” e, portanto, a capacidade dos seres humanos de fazer um enorme grupo capaz de conectar pessoas que não se conhecem (HARARI, 2016). “Um enorme grupo capaz de conectar pessoas que não se conhecem”, eventualmente, levará a formação de uma “Nação”.

O *Homo Sapiens*, ao fim da era glacial, iniciou a agricultura. O início da agricultura criou uma nova crise, acompanhada do rápido crescimento populacional e colonização. A humanidade procurou por terras ao redor das comunidades para manter esse rápido crescimento populacional, porém, eram limitadas as terras apropriadas para agricultura, o que resultou num aumento dos fatores de conflitos entre os grupos. Carregando crises potenciais, como explosão populacional devido à revolução na produção de alimentos, sedentarismo de grupos e a sociedade se tornando complexa, surgiram conflitos dentro e entre os grupos (FUJII, 2018).

O assentamento e o início da agricultura multiplicaram as mulheres. Isto porque os perigos associados à migração diminuíram e a comida para bebês tornou-se mais fácil de obter, pelo que se tornou possível encurtar o período de lactação. Ao fazer isso, as mulheres se tornaram capazes de dar à luz a bebês com mais frequência. Devido ao lento crescimento e multiplicação das crianças, as mães humanas tiveram que cuidar de muitas crianças imaturas. Como resultado, a cooperação em cuidados

infantis também progrediu, incentivando o aumento da população. Mas, por outro lado, começou a ter riscos potenciais, como epidemias de fome e doenças infecciosas.

Quando ocorreram intrigas entre os grupos devido à agricultura e ao assentamento, aumentar o tamanho e se fortalecer significava aumentar a resiliência para cada grupo. Para tanto, era necessário aumentar a produção de mais alimentos e elevar a produtividade agrícola. Porém, devido ao aumento da produção de alimentos e ao crescimento da população, o risco potencial de conflito aumentou ainda mais. O enorme grupo capaz de conectar pessoas, apoiado pela “capacidade de reconhecer a ficção”, passou a ser integrado e mantido por um sistema social diversificado.

O que apoiou essas antigas nações poderosas foi o compartilhamento de “fé” e valores que foram criados pela “capacidade de reconhecer a ficção”. Além disso, essa fé e valores criaram monumentos sagrados como as “pirâmides”. No entanto, nações poderosas acabaram por colapsar devido aos conflitos entre os grupos. O que apoiava estes enormes grupos, junto com o sistema de cognição, eram sistemas econômicos como comércio e redistribuição de recursos. Mas, mesmo estas poderosas nações construídas dessa maneira, terão seus altos e baixos devido aos conflitos.

### 3. Formação dos “Japoneses”

#### 3.1. Teoria da estrutura dupla dos japoneses

No que diz respeito às raízes japonesas, foram realizadas pesquisas sobre arqueologia, antropologia natural etc. Até agora, muitas ferramentas de pedra do Paleolítico, até cerca de 40 mil anos atrás, foram escavadas. No entanto, como o solo do Japão é ácido, não foram encontrados fósseis humanos de 30 a 40 mil anos atrás. Muitos fósseis humanos do período Jomon, cerca de 15.000 anos atrás, são encontrados em grande número devido ao fato de estarem enterrados debaixo de muitas conchas. Como não foram encontradas evidências de que haviam *genjin* (homo) e *kyujin* (neandertal) até agora, acredita-se que o deslocamento da humanidade para o arquipélago japonês tenha sido na fase dos *Homo Sapiens*.

Sobre a formação do povo japonês, muitas teorias têm sido defendidas. Um dos focos das teorias é o formato do crânio, existem: os “*joumonjin*” (povo de Jomon), com características como cabeça longa (frente e atrás), face baixa (face quadrada) e grande desnível no rosto; e os “*yayoijin*” (povo de Yayoi), com características como cabeça curta, face alta (comprimento da face) e face plana. Havia uma controvérsia sobre se eles mudaram continuamente (uma característica de longo prazo devido à adaptação ambiental), ou se mudaram descontinuamente (uma influência de povos que migraram de fora).

Quem pôs um fim nessa controvérsia foi uma teoria da descontinuidade afirmada por Hanihara Kazurou, a “teoria da estrutura dupla dos japoneses” (HANIHARA, 1995 e 2003). A base que sustentou a teoria foi a descoberta de um esqueleto humano (de cerca de 1800 anos atrás), em um bom estado de conservação, encontrado em solo alcalino de Okinawa, semelhante ao povo de Jomon. Foi constatado também que o esqueleto encontrado tem pontos em comum com esqueletos humanos encontrados no Sudeste Asiático. O ponto defendido na teoria da dupla estrutura é que “as raízes dos antigos japoneses que levam ao povo Jomon é o sudeste da Ásia” e “as raízes das pessoas que chegaram com a produção de arroz durante a era Yayoi é o nordeste da Ásia”. Então, o povo de Yayoi, que se deslocavam frequentemente, entrou na parte Norte de Kyushu, espalhou-se para o continente do arquipélago japonês, misturando-se com o povo de Jomon. No entanto, uma vez que, no extremo Norte do Japão, em Hokkaido, e na ponta Sul, em Okinawa, a influência deles foi pequena, o atual povo de Ainu e o povo de Okinawa têm muitas características herdadas do povo de Jomon.

O que Hisao Baba interpreta sobre os *minatogawajin* (povo de Minatogawa) é que eles mantiveram características dos primeiros *Homo Sapiens* que chegaram à Ásia e desenvolveram sua própria evolução em Okinawa, isolada do continente asiático e do arquipélago japonês. Em outras palavras, é negativa a ideia de que os descendentes diretos do povo de Minatogawa são pessoas de Jomon, mas mostram uma visão positiva sobre a estrutura dupla. As raízes do povo Jomon não são claras, mas se espalharam



pelo arquipélago japonês há alguns milhares de anos. Há uma teoria de que povos viajantes do Norte da Ásia vieram ao Japão (BABA, p.135-136).

Segundo Baba, os povos viajantes de Yayoi que chegaram ao Japão se concentrando na região Norte de Kyushu se expandiram em torno dessa região, aumentaram a população através de excelentes técnicas de produção, como a agricultura e, lentamente, se misturaram com os descendentes do povo de Jomon.

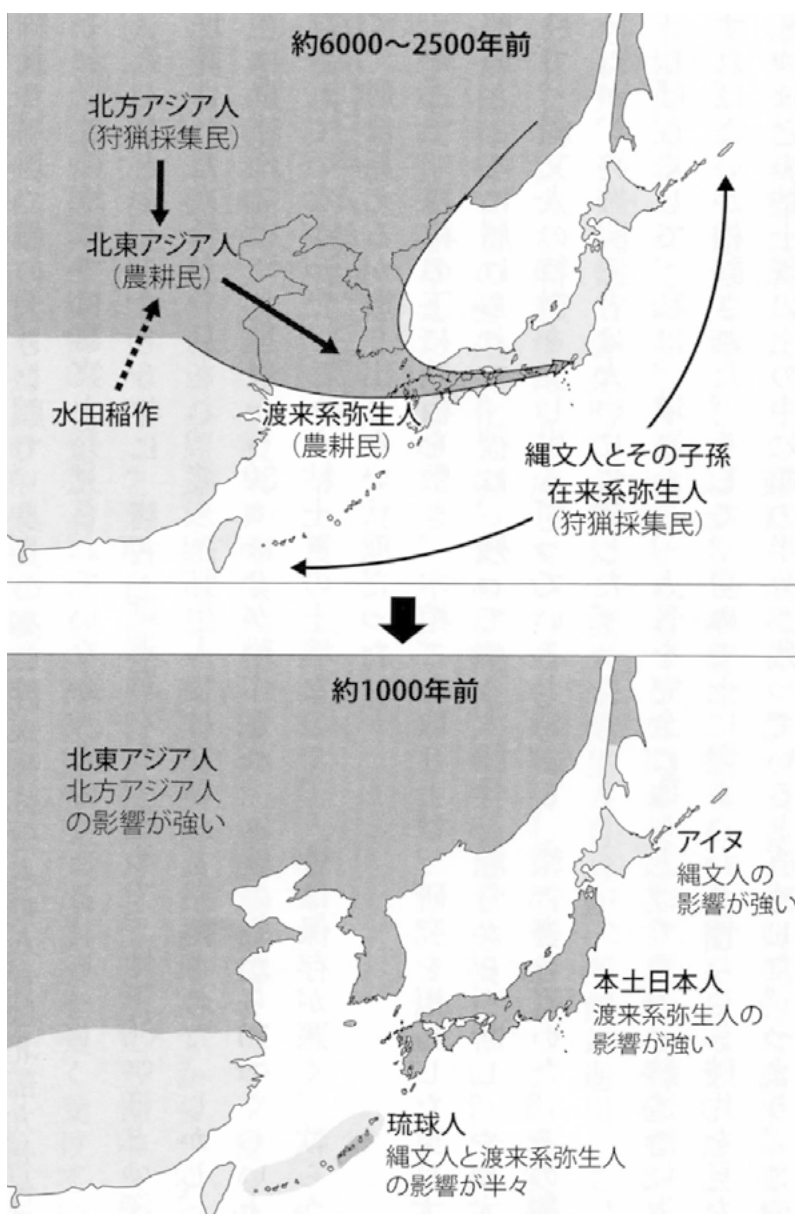


Figura 5 - Expansão do norte da Ásia e entrada no arquipélago japonês

Nós japoneses, tanto geneticamente quanto culturalmente, temos fortes influências dos povos viajantes de Yayoi. No atual arquipélago japonês, em quase todo país, concentrando na área desde a região Norte de Kyushu até região de Kansai, vivem os hondo nihonjin (os japoneses de Hondo), com fortes influências dos povos viajantes de Yayoi. É claro que os descendentes dos povos viajantes de Yayoi e os descendentes do povo de Jomon não são igualmente misturados, mas a influência do povo Jomon é mais forte na área periférica. Em Hokkaido, vivem cerca de 30 mil pessoas de Ainu com fortes características do povo de Jomon (têm espalhados pelo país também); em Okinawa, vivem os ryukyujin (povo de Ryukyu) com influências meio a meio dos povos de Jomon e dos viajantes de Yayoi. Ambos os três grupos têm origens dos Jomon, mas as características de seus rostos e corpos mudaram gradualmente dependendo do quanto eles receberam a influência das pessoas que vieram do continente e, no processo, as culturas que construíram também foram diferentes. Portanto, os japoneses são formados por três grandes grupos.

### 3.2. Formação dos japoneses segundo as pesquisas genéticas

Nos últimos anos, novos conhecimentos foram obtidos por pesquisas em antropologia molecular (genética). Como resultado, a ideia da dupla estrutura do povo Jomon e dos viajantes de Yayoi foi largamente afirmada e foi demonstrado que a formação do povo Jomon foi mais pluralista.

Shinoda Kenichi revelou as pluralidades das origens dos japoneses principalmente pela análise do DNA mitocondrial<sup>2</sup> (mtDNA) e do cromossomo Y (SHINODA, 2007, 2015). Em conclusão, as raízes dos japoneses estão espalhadas em uma ampla área do continente, atinge este arquipélago japonês através de várias rotas em vários momentos e por fundirem-se entre eles, se estabeleceu o povo japonês (SHINODA,

---

2 As mitocôndrias são organelas que geram energia no citoplasma e centenas estão contidas em uma célula (milhares de células cardíacas, musculares, hepáticas). Originalmente, era outro organismo que pulou na célula de um hospedeiro, mas tornou-se parte do hospedeiro depois de um longo tempo. Múltiplos DNAs mitocondriais (mtDNA) estão contidos em uma mitocôndria. Como o mtDNA é transmitido apenas para a linha materna, é possível examinar as raízes da mãe. Por outro lado, como o DNA do cromossomo Y é transmitido pelo sistema do pai, é possível conhecer as raízes da família do pai.

p.201). Voltando no tempo, em busca dessas raízes, esse caminho se ramifica em muitos outros e se espalha em várias partes da Ásia. Voltando mais ainda no tempo, uma complexa rota entrelaçada na Ásia converge para a África.

As pesquisas genéticas são baseadas na análise de haplogrupos<sup>3</sup>. Os haplótipos do DNA mitocondrial (mtDNA) dos nativos Norte-americanos são dominados por 4 grandes tipos, A, B, C e D.

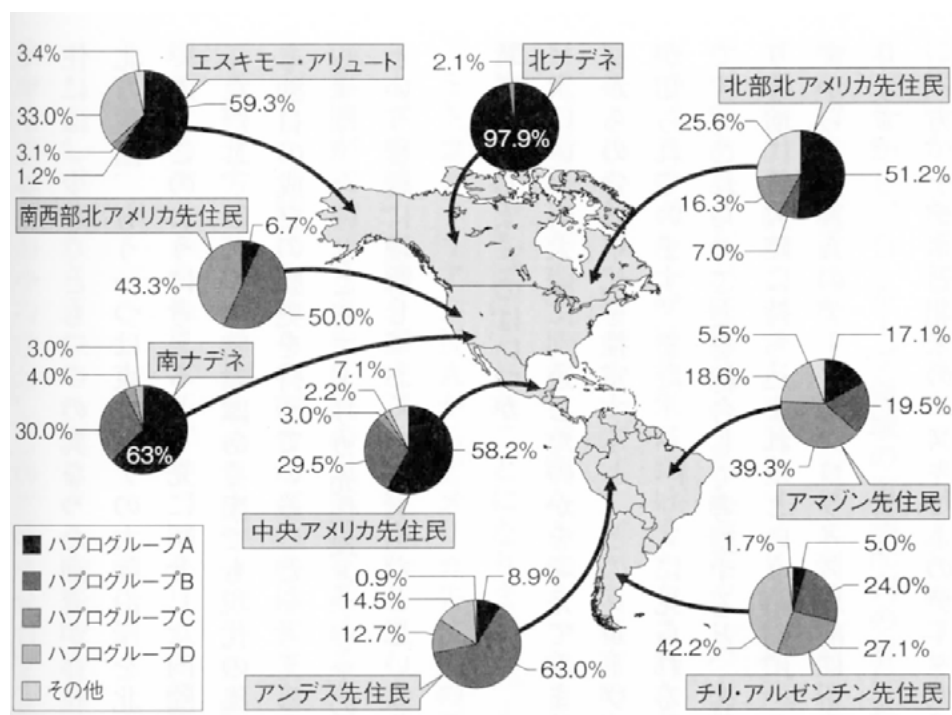


Figura 6 - Os Haplo Grupos que os atuais nativos do continente americano possuem

Quando olhamos para a fonte de A a D, ficou claro que a parte Norte da China, a parte sudeste da Sibéria e o grupo da Mongólia possuem de A a D. A proporção deles é alta, especialmente em regiões como as Montanhas Altai, a área do Lago Baikal, Mongólia e a área adjacente ao Norte.

Os haplogrupos dos japoneses compartilham os tipos D, B e A.

3 Haplogrupo é um grupo de haplótipos semelhantes. Com o Haplogrupo você pode conhecer a migração dos seres humanos e a origem de um grupo específico. Um haplótipo é uma sequência de DNA em um único cromossomo.

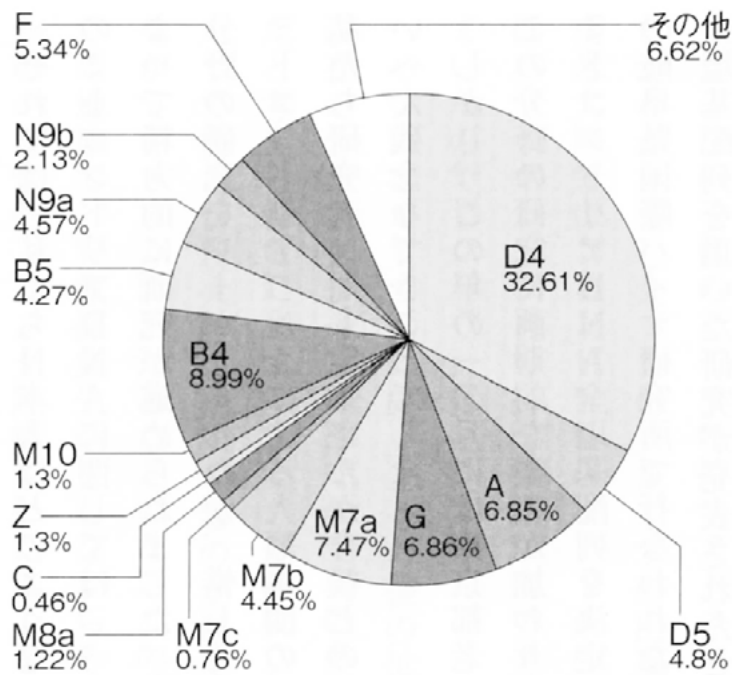


Figura 7 - Proporção dos Haplo Grupos que os Japoneses possuem

Entre haplogrupos de mtDNA pertencentes a povos nativos das Américas, apenas o tipo B é distribuído no sudeste e Sul da Ásia. Por isso, Shinoda analisa que este grupo saiu da região Sul da China, subindo ao Norte pela costa do Leste asiático, chegando ao Alasca e de lá seguiram ao Sul, à margem Oeste das Américas.

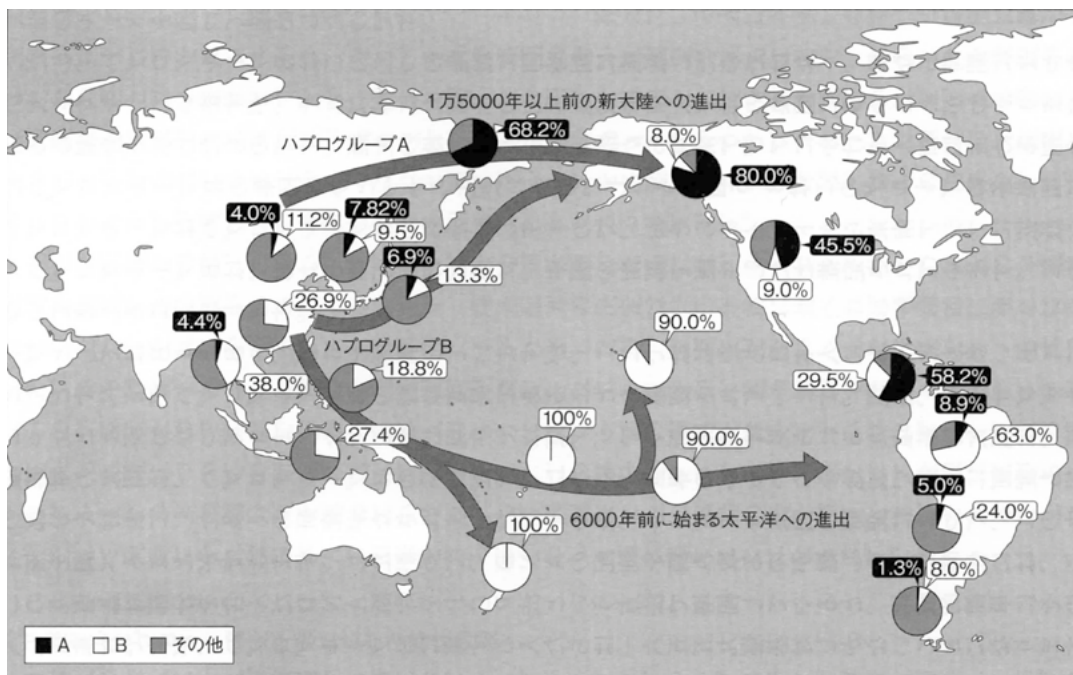


Figura 8 - Proporção dos Haplo Grupos A e B e deslocamento da humanidade

Por haver o atual arquipélago japonês na costa do Leste Asiático, no processo dessa travessia, acredita-se que parte do povo se estabeleceu no arquipélago e esses foram os responsáveis pela formação de parte dos ancestrais do povo Jomon.

Além disso, o Haplogrupo M7a, não localizado nas Américas, compõe cerca de 7% do povo de Hondo e cerca de 25% do povo de Okinawa. Este grupo é o mais diversificado em Okinawa, portanto, considera-se que a raiz é Okinawa. As raízes do Tipo B e M7a não contradizem com o que Hanihara afirma sobre as raízes do povo Jomon. Por outro lado, o Haplogrupo tipo A é comumente encontrado nas Américas, mas, no Japão, ocupa cerca de 7% e na Eurásia fica limitado na Ásia Central e no Norte da Ásia. Presume-se que sua origem foi em torno do lago Baikal e considera-se que sua formação foi há cerca de 30 mil anos a partir do cálculo da idade. Por esta razão, supõe-se que muitos povos de caça chamados de Caçadores de Mamute tinham este Haplogrupo, sugerindo que havia pessoas que se deslocaram da região do Baikal para o Sul em direção ao arquipélago japonês. As teorias apresentadas acima foram apenas uma parte da análise de Shinoda, mas é uma evidência científica de que existem muitas raízes nas origens dos japoneses, incluindo do Sul e do Norte.

Naruya Saito também está fazendo pesquisas genéticas sobre as raízes dos japoneses (SAITO, 2015, 2017). Saito disse que é necessário levar em consideração a migração do ser humano de 40 mil anos atrás até a atualidade e separa os períodos de migração das raízes japonesas em três etapas (a terceira etapa é dividida em duas partes). A teoria de Saito difere da convencional na medida em que se assume que houve uma onda de pessoas que se reuniu no período de transição do período de Jomon ao período de Yayoi.

A primeira etapa ocorreu no período entre 40 mil anos até 4 mil anos atrás, quando houve migrações em várias épocas, partindo da Eurásia a todo arquipélago japonês. Esta foi a migração na Era Paleolítica ao Período Jomon. Considera-se tratar-se de pessoas de linhagens diferentes do atual povo do Leste da Ásia, e é neste período que são formados os “*joumonjin*” (povo de Jomon).



A segunda etapa ocorre no período entre cerca de 4 mil anos até 3 mil anos atrás, é o período de migração da era Yayoi. Saito analisa que houve a segunda onda de viajantes neste período. A origem não é clara, mas existe a possibilidade de uma área costeira cercada pela península coreana, a península de Liaodong e a península de Shandong. No lado sul da parte central do arquipélago japonês, principalmente em Kyushu, a população aumentou pouco a pouco enquanto se misturava com o povo Jomon (descendentes da primeira onda de viajantes).

A primeira metade da terceira etapa ocorreu no período de cerca de 3 mil anos a 1,7 mil anos atrás, no período Yayoi. Durante este período, centrada na península coreana, partiu da Eurásia a terceira onda de viajantes que chegou ao arquipélago japonês e introduziu o cultivo de arroz (isso corresponde ao povo viajante de Yayoi tradicional). A terceira onda é geneticamente próxima da segunda onda de viajantes, mas ligeiramente diferente. Foi esta terceira onda de viajantes que expandiu a área residencial ao longo do eixo Leste-Oeste do arquipélago japonês central (até Kanto) e aumentou rapidamente a população.

A segunda metade da terceira etapa iniciou no período de 1,7 mil anos atrás e continua até hoje, desde o período Kofun até a era atual, é uma visão de que a terceira onda de viajantes ainda continua. Durante este período, os seguintes movimentos ocorreram no arquipélago japonês, e considera-se que se tornou a composição atual da população do Japão:

- Imigrantes da primeira onda de viajantes residentes na região de Tohoku mudaram-se para Hokkaido;
- Os descendentes da segunda onda de viajantes se mudam para Tohoku;
- Os descendentes da segunda onda de viajantes se mudaram de Kyushu para a parte sul do arquipélago japonês (Okinawa), antes e depois do período Gusuku, e então descendentes da terceira onda de viajantes foram para o sul, no período Edo-Tóquio, formando o atual povo de Okinawa.
- Na parte norte do arquipélago japonês (Hokkaido etc.), ocorreram trocas genéticas entre o povo Okhotsk que chegou à parte norte de Hokkaido e os



descendentes dos migrantes da primeira onda de viajantes, assim foi formado o povo de Ainu.

- Após o período Heiankyo, avançou a mistura de pessoas Ainu e Yamato.

## 4. Diferenças genéticas e diferenças culturais, o que é “raça” e “grupo étnico”

### 4.1. O surgimento e a ficção das “raças”

Cada um de nós tem aparência e personalidade diferentes, cada um é único e diversificado. Quando comparamos humanos com outros primatas, para o público em geral, todos os macacos parecem se assemelhar entre si e a identificação individual não pode ser feita facilmente. Intuitivamente, parece que a diversidade genética humana é muito maior que a diversidade genética, por exemplo, entre os chimpanzés. Porém, a realidade é totalmente o contrário. De acordo com as pesquisas genéticas comparando sequências do DNA mitocondrial (mtDNA)<sup>4</sup> entre humanos e grandes símios (chimpanzé, bonobo, gorila, orangotango) (KAWAMOTO, 2008), há pouca diferença quando se compara humanos em muitas regiões do mundo. Por outro lado, em grandes símios, embora o número de indivíduos examinados fosse pequeno, constatou-se que a diferença entre os indivíduos era maior que a dos humanos em todas as espécies.

O que esse tipo de pesquisa indica é que mesmo os seres humanos se adaptando aos diversos ambientes em que se espalharam pelo mundo, a diversidade genética entre nós é extremamente pequena. Por outro lado, os seres humanos são extremamente diversos em cultura, como idioma, estilo de vida e costumes. Enquanto outros animais foram fisicamente e geneticamente se adaptando ao meio ambiente, por um longo período de tempo, os humanos deixaram a África e, em pouco tempo de dezenas de

---

4 mtDNA: DNA na mitocôndria, que é uma organela subcelular extracelular. Maternamente herdada (mostra um padrão genético transmitido apenas de mãe para filho), a taxa de mutação é maior do que o gene nuclear e a mutação se acumula sem recombinação genética, então são marcadores genéticos frequentemente usados em pesquisas filogenéticas evolutivas (KAWAMOTO, 2018).

milhares de anos, foram se adaptando culturalmente aos diversos ambientes em que viveram. Essa diversidade cultural, para a sobrevivência da humanidade, ou seja, para a resiliência, pode-se dizer que foi extremamente importante.

Mencionamos, anteriormente, que a diversidade genética dos seres humanos é pequena, mas, apesar de haver poucas mutações entre os DNAs humanos, as mutações genéticas relacionadas à cor da pele e à forma do corpo são relativamente grandes, e o viés regional comparado é grande. A razão para isso é que os seres humanos nascidos nos trópicos saíram da África e se adaptaram às áreas extremamente frias. Além disso, o período em que os *homo sapiens* se espalharam pelo mundo era justamente numa era glacial, quando o clima era muito mais frio do que agora. Como é comumente entendido, a melanina na nossa pele, que serve para se proteger de ambientes onde os raios solares são muito fortes, em áreas de alta latitude onde a radiação solar é fraca, ela inibe a produção de vitamina D e causa doenças. Além disso, a fim de proteger-se do frio na região extremamente ao norte, é vantajoso que os membros sejam curtos e o tronco do corpo seja grande. Uma mutação de traço resultante da adaptação a tal ambiente criou uma diferença na aparência, mas não há base para que ela seja ligada à superioridade ou inferioridade da “raça”.

Shunwa Honda (Henry Stewart) e Motomitsu Uchibori estão organizando materiais sobre o surgimento do conceito e sobre o erro do termo “raça” (HONDA, 2008, p.21-32, UCHIBORI, 2014, p.63-76). Segundo eles, “raça” é frequentemente considerada uma classificação de pessoas baseada em diferenças biológicas e genéticas, mas o termo “raça” foi uma categoria “criada” na Europa no início do período moderno. Classificar seres humanos em alguns “tipos” fixos é uma tendência que foi reforçada após a “descoberta” da Oceania e do “Novo Mundo” durante as grandes expedições. Por exemplo, na América Latina, existem três categorias, “Branco”, “Negro” e “Índio”, bem como as categorias que representam misturas como “Mestiço”, “Mulato” e “Sambo”, categorias “construídas” como se fossem baseadas em fundamentos científicos.

Carl von Linné, que estabeleceu um método sistemático de classificação de animais e plantas pelo nome científico baseado na dicotomia, fez da humanidade um único

tipo de *Homo sapiens*, mas cometeu o erro de dividi-lo em mais quatro subtipos. A “raça” que originalmente era um conceito popular, recebeu um traje científico dessa maneira, e muitos pesquisadores depois gastaram esforços desnecessários para refinar a “classificação racial” com bases “científicas”. No entanto, à medida em que a pesquisa da antropologia natural avança, ficou claro que é impossível traçar linhas objetivas e científicas para as características físicas. As características físicas indicam variações regionais, contínuas e gradientes. Além disso, ficou claro que as características físicas não estão relacionadas com a propensão psicológica, inteligência, superioridade ou qualquer outra característica similar.

Deste modo, o conceito de “raça”, que teve uma pretensão de ciência por um tempo, foi academicamente negado, mas seu preconceito se enraizou na sociedade geral.

A essência do “problema racial” não é distinguir entre diferenças físicas, mas conectá-lo firmemente à superioridade e inferioridade. A hierarquia baseada na visão de “raça” que germinou na Europa no século XVI e foi fixada no século XIX foi fortalecida para justificar a escravidão e o domínio colonial. O termo “raça” foi intencionalmente criado numa tentativa de ranquear os povos (HONDA, 2008, p.27).

## 4.2. Estado, Nação e Grupo étnico

Em seguida, vamos refletir um pouco sobre o Estado. Nós tendemos a pensar que os países do mundo são constituídos pelo estado-nação. No entanto, o conceito de um estado-nação, isto é, “a nação constitui um estado com soberania e território”, é apenas um modelo conceitual (tipo ideal) formado na sociedade europeia ocidental. Mesmo os países da Europa Ocidental têm minorias no país e não se pode dizer que seja um Estado-nação em sentido estrito. E a maioria dos países, que foram colônias e que se tornaram independentes, é “multiétnica”. Muitas das linhas de fronteiras foram artificialmente determinadas, e existem muitos grupos étnicos que abrangem vários países.

Como diz Motomitsu Uchibori, a palavra Nação (do inglês Nation), é equivalente à palavra “*minzoku*” (grupo étnico, pessoas) do japonês, mas também é usada com o significado de “*kokumin*” (povo da nação) ou “*kokka*” (estado/nação) (UCHIBORI, 2014, p. 63-76). Da mesma forma, a palavra nacionalismo tem significado do nacionalismo estatal e também o significado do etno-nacionalismo. Nos países multiétnicos, o nacionalismo leva a reivindicações e campanhas contra o Estado, às vezes na direção oposta à integração nacional. A fim de evitar contradições, é melhor distinguir claramente entre nacionalismo (Estado) e nacionalismo étnico.

Além disso, o conceito de “etnia” japonesa (*minzoku* - nação, povo) é de fato muito ambíguo. Os grupos étnicos foram geralmente determinados como um grupo que compartilha a linguagem, origem, cultura, fé, região etc, mas, na realidade, seu conteúdo e características são extremamente variados. Especialmente na situação caótica moderna, na antropologia cultural usa-se o termo grupo étnico. Este termo também é ambíguo, mas vamos levantar aqui a definição de Tsuneo Ayabe: “Um grupo de pessoas que compartilham origens e identidade cultural sob as circunstâncias de interação com outros grupos semelhantes no âmbito do Estado-nação” (AYABE, 1994). Tomando os Estados Unidos como exemplo, o grupo étnico inclui não só grupos minoritários, mas também grupos de imigrantes como os nipo-americanos e italianos americanos, além dos hispânicos (que compartilham características como línguas, áreas fronteiriças, ‘cultura latina’ ambíguas etc.) e grupos que compartilham a fé, como os mórmons. Ayabe considera o “*minzoku*” (nação, povo, grupo étnico) como um conceito estático e o “grupo étnico” como um conceito dinâmico e considera categoricamente as duas palavras (como um conceito de conflito). Essa maneira de expressar bem representa a nuance da palavra “grupo étnico”. Ayabe também considera o conceito de “etnia” como “todo o reconhecimento e fenômeno que o grupo étnico expõe” (citado acima). Em outras palavras, o que corresponde à “cultura étnica” é “etnia do grupo étnico”.

### 4.3. Disputas e Políticas de Identidade

Muitos dos conflitos de hoje são muitas vezes referidos como “conflitos étnicos” ou “conflitos religiosos”, mas os fatos são os interesses e identidades políticas do grupo étnico.

Segundo Ishii Yoko, uma guerra civil ocorre em Ruanda, Sudão, Uganda, Burundi, Quênia etc. desde 2000, mas um líder chamado “Big Man” disse que mobilizou pessoas com base na identidade étnica (ISHII, 2014). No *background*, houve um envolvimento complicado, tanto dentro como fora, do neoliberalismo, e a instabilidade política e econômica devido à introdução de vários partidos políticos, além disso, empresas multinacionais e empresas militares privadas secretamente envolvidas com recursos naturais ricos (como petróleo e diamantes), diáspora e ONGs internacionais que se deslocaram para o exterior, conexão com os países religiosos coloniais etc.

Como pano de fundo histórico para o problema palestino, é atribuída a “diplomacia de três línguas” da Grã-Bretanha na Primeira Guerra Mundial (TAKAHASHI, 2016). Enquanto a Inglaterra promete terras palestinas tanto para árabes (palestinos) como para judeus sionistas (movimentos de construção do Estado judeu), devido ao conflito com a França, a ONU determina a governança britânica sobre o Oriente.

Nos últimos anos, com o desenvolvimento da Internet, a “capacidade empática” tem o poder de se conectar ao mundo através de redes individuais, ao mesmo tempo, a identidade política distorcida passou a ser facilmente transferida para o mundo além dos limites dos grupos étnicos. Nos é mostrado um novo aspecto de perigo dentro das ações descontroladas do Estado Islâmico.

## 5. Lógica e prática da multiculturalidade

### 5.1. História dos povos nativos de Ainu

Segundo o Conselho Mundial de Povos Indígenas (1981), povos nativos são descendentes dos povos mais antigos de uma determinada região, que vivem em uma

nação de etnia ou grupo étnico diferente de sua origem, e não fazem parte da esfera política.

Segundo Shunwa Honda (Henry Stewart) os povos indígenas (tribos) podem ser reconhecidos a partir de quatro atributos: (1) naturalidade, (2) grau de domínio externo, (3) continuidade histórica e (4) autorreconhecimento. Dependendo de (1) e (3), é possível distinguir como minoria étnica. Pelo ponto dos direitos indígenas baseado na naturalidade, os povos nativos são distinguidos como minoria étnica (HONDA, 2005).

Como já mencionado, o povo Ainu tem forte continuidade do povo Jomon, entra na jurisdição do clã Matsumae no período Edo, passando por um tratamento discriminatório e de exploração sob o sistema de contrato de localização<sup>5</sup>. Ao entrar na era Meiji, foi colocado como povo antigo (ultrapassado), considerados como cidadãos de segunda classe. Em 1899, foi decretada a “lei de proteção do povo antigo de Hokkaido “. Esta lei foi nominalmente destinada para salvar o povo de Ainu que rapidamente se empobrecia, durante o “desenvolvimento” de Hokkaido, mas foi a causa de destruir enormemente a vida e a cultura do povo de Ainu. O conteúdo da lei é doar uma certa quantidade de terra para cada Ainu para poderem estabilizar a vida como agricultores e, através da Escola para Povos Antigos, ensinar a língua japonesa, maneiras e costumes japoneses para a sociedade principal de Ainu. Foi uma lei abrangente que reuniu várias medidas para assimilar as pessoas. (TERUKI TSUNEMOTO, 2005, p. 281). Esta lei tomou a terra onde o povo Ainu utilizava para a caça, determinando estas terras como “terra sem dono”, deu apenas uma pequena quantidade de terra para eles e forçou a comunidade a trabalhar com agricultura. Como resultado, o povo Ainu ficou cada vez mais angustiado e, pela política de assimilação, prejudicou muito a língua Ainu e a cultura Ainu. O modelo desta lei foi baseado no “Ato de Dawes Severalty”, que o governo dos Estados Unidos pôs em

---

5 O clã Matsumae, que tinha o atual Hokkaido como seu território, não podia cultivar arroz no período Edo, então a agricultura não poderia ser usada como uma base financeira. Portanto, os vassallos do clã receberam o direito de negociar com os Ainu em certas áreas. No século XVIII, a maioria dos vassallos mudou o sistema de direito comercial para “contrato de localização” e passou para um sistema que recebe dinheiro como taxa de operação. Comerciantes costumavam fazer transações desvantajosas com o povo Ainu, exploravam-no em áreas de pesca e às vezes abusavam nas negociações.



vigor, em 1887, contra os índios. O Ato de Dawes, mais tarde, foi criticado como uma lei que exauriu a sociedade indígena norte-americana e destruiu a sua cultura, sendo abolida em 1934.

A lei para povos antigos de Hokkaido, que durou até 1997, foi abolida devido aos esforços do movimento de recuperação dos direitos do povo Ainu, e pelo Sr. Shigeru Kayano, que se tornou o único parlamentar do povo Ainu. E, juntamente com a abolição da lei de proteção do povo antigo, a “lei de promoção da cultura Ainu” foi promulgada. A “Lei de Promoção da Cultura Ainu” não garante os direitos indígenas dos Ainu (como o direito à terra), mas se tornou um grande passo para o povo Ainu. O propósito desta lei é “realizar uma sociedade onde o orgulho do povo Ainu como povo de uma nação possa ser respeitado através da promoção de medidas para o desenvolvimento da cultura Ainu e a disseminação e esclarecimento do conhecimento dos cidadãos sobre a tradição Ainu etc. , para contribuir com o desenvolvimento de diversas culturas do nosso país”, sugerindo o ponto de vista da diversidade cultural, que não só o povo de Ainu é um beneficiado, mas sim toda a nação (TSUNEMOTO, 2005, p.284).

## 5.2 Estado atual do povo de Ainu e prática da cooperação de pessoas nativas

Em setembro de 2007, a ONU adotou a “Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos dos Povos Indígenas” e, no mesmo mês, o parlamento japonês adotou uma “Resolução para tornar o povo de Ainu como povos nativos”. Juntamente com essas posições legais e mudanças no ambiente social, a reavaliação do valor da cultura Ainu e suas atividades de reconstrução tornaram-se ativas. Por exemplo, a construção do Museu Nacional Étnico Ainu está em andamento e será inaugurada em 2020. Como uma atividade independente por pessoas de Ainu, “Conferência de povos nativos” – Ainu Moshiri – foi realizada em 2008. Esta é uma cúpula que foi realizada em Hokkaido (reunião de cúpula avançada do país) e no período de discussão das questões ambientais, os povos nativos do mundo se reuniram e discutiram, compartilhando a ideia de que

“a maioria dos países desenvolvidos destruíram o meio ambiente e os povos nativos e que os modos de vida e pensamento dos nativos deveriam ser respeitados “. Essa tendência aproveita o fluxo da Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Ambiental (Cúpula da Terra), realizada no Rio de Janeiro, em 1992, e a reunião de povos indígenas realizada no Rio de Janeiro, no ano seguinte, em 1993, no “Ano Internacional dos povos indígenas”.

Na língua Ainu, referimo-nos ao vizinho como “*shisamu*”, mas é aberto aos *wajin* (o japonês de hondo visto pelos Ainu) que compreendem a cultura Ainu, e eu também participei como *shisamu*. Nesta conferência, 21 grupos étnicos de 11 países participaram. Na conferência, a educação de cada grupo étnico e as circunstâncias reais da promoção da cultura foram discutidas.



Figura 9 - Conferência dos Nativos



**Figura 10 – Conferências dos Nativos**

Após a reunião geral, dividida em subcomissões de “meio ambiente”, “recuperação de direitos” e “educação / linguagem”, foi realizada uma reunião social, com discursos de experiências pessoais, incluindo experiências de discriminação, apresentação artística de cada grupo étnico (Ainu Yukara, a canção de Sámi, a dança de guerra Maori etc.) também foi mostrada e o evento ficou muito animado<sup>6</sup>.

Um grupo centrado no Sr. Shirou Kayano, que organizou a Conferência de Povos Nativos, formou a WIN (World Indigenous Network) – AINU, e buscou realizar a segunda edição, em 2010, dois anos depois. A conferência estava marcada para acontecer no Canadá, porém como ficou impossibilitado de se realizar por lá, o autor, baseado no Instituto de Pesquisa de Multiculturalidade, reuniu a WIN-AINU e o Asahi Newspaper Nagoya Headquarters, lançando a “Conferência de Povos Nativos em Nagoya 2010”. Relativo ao conteúdo, será omitido por conta do espaço, mas por favor consulte a “Estudos de Culturas de Convivência” Vol. 5<sup>7</sup>.

<sup>6</sup> Para conteúdos detalhados, por favor consulte Inamura (2009): “Participando na Conferência de Povos Nativos Ainu Moshiri, 2008” “Estudos Culturais de Convivência”, Vol.2. Esta revista foi publicada pelo Instituto de Pesquisa de Convivência Multicultural da Universidade da Província de Aichi, criada pelo autor. Você pode ver esta revista online (<http://www.for.aichi-pu.ac.jp/tabunka/journal/index2.html>)

<sup>7</sup> Você pode ver esta revista online ( <http://www.for.aichi-pu.ac.jp/tabunka/journal/index5.html>)

Em setembro de 2007, a Assembleia Geral das Nações Unidas adotou a “Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos dos Povos Indígenas”. Esta Declaração, que consiste em 46 artigos, define os direitos mínimos garantidos para os indivíduos e grupos nativos, incluindo direitos culturais, identitários, idiomáticos, empregatícios, de saúde e educacionais.

### 5.3 Meio ambiente e povos nativos

Vamos refletir sobre multiculturalidade, tomando como exemplo os problemas ambientais. Hoje, as atividades humanas começaram a afetar o ambiente global de várias maneiras. Devido à mudança desde a Revolução Industrial, e a rápida mudança neste ano, estamos criando um ambiente global indesejável para nós mesmos. Portanto, a ideia de viver na era da “Nova Geração Humana” após o “Holoceno” veio à tona (ABE, 2018, abaixo). Um artigo (2009), de autoria do Dr. Johan Rockstrom do Stockholm Resilience Centre, sugere que o aumento das atividades humanas pode causar mudanças irreversíveis e catastróficamente rápidas no ambiente global além da área de segurança resiliente. O objetivo da tese foi revelar os limites da Terra durante a era “Nova Geração Humana”. Para isso, devem se esclarecer os limites que não devem ser excedidos para os nove principais processos (subsistemas) de um sistema planetário denominado Terra, e mostramos o estado atual. Julga-se que se tornou “um estágio irreversível”, além do alcance seguro das mudanças climáticas, na biodiversidade e na circulação de nitrogênio.

O que pode ser dito que está por trás da sofisticação e complexidade da sociedade é a prioridade de eficiência econômica. Depois que aconteceu a crise, ficou claro que a vivência e a produção se tornaram coisas inesperadas por buscar ênfase na eficiência. Por exemplo, a gripe aviária foi uma ameaça que não se esperava, a avicultura de hoje é intensiva, criando galinhas numa escala de dezenas de milhares, além do modo de produção de ovos. Não há dúvida de que este eficiente sistema de produção é extremamente vulnerável à infecção. À medida que a sociedade se sofisticar, nossas



percepções estarão muito atrasadas. Muitos dos sistemas são familiares à vivência e começarão a se tornar caixas pretas. E aí, por algum acaso, quando tiver oportunidade de ver dentro da caixa preta, irá dizer, sem perceber, que “as coisas mudaram em algum momento”.

Na Conferência dos Povos Nativos de 2008, no “Fórum Permanente das Nações Unidas sobre Questões dos Povos Indígenas”, em Ainu Moshiri, foi impressionante o conteúdo da palestra principal de Victoria Tauri Covez, do povo de Igorot das Filipinas. Ela disse: “Acho que na Conferência do G8 falam-se sobre questões ambientais/mudança climática, crise global de alimentos, questões da África, resolução de conflitos/construção da paz etc, mas todos esses problemas foram causados pelos próprios países do G8”. Como uma solicitação ao G8, ela afirma que é extremamente eficaz e importante para salvar o mundo lidar com o problema da “preservação da floresta”, fornecendo informações aos povos indígenas que vivem na floresta e tomando as decisões somente após consultá-los, respeitando o estilo de vida dos povos indígenas, como a preservação das fronteiras da província e respeitando o lugar onde vivem os povos indígenas.

Assim, na sociedade moderna que enfrenta as limitações do ambiente global, a sabedoria para evitar as circunstâncias causadas pela maioria pode ser encontrada em valores e estilos de vida da minoria. Um dos significados da diversidade cultural é a capacidade de fornecer uma variedade de opções quando a sociedade é forçada a responder a uma nova crise.

## 5.4 Capacidade empática e a multiculturalidade

“Capacidade empática” é demonstrada principalmente dentro do grupo, fazendo ligações entre os membros, fortalecendo o grupo. Através de tal resiliência, a humanidade assegurou superioridade esmagadora sobre outros animais. No entanto, quando os grupos humanos se tornaram conflitantes e passaram a brigar entre si, a “capacidade empática” tornou-se contraditória. O comportamento altruísta apoiado

pela “capacidade empática” fortalece os laços dentro do grupo. Mas o comportamento altruísta visa se sacrificar até derrotar os inimigos. Grupos com muitos membros que podem ter comportamentos altruístas têm maior probabilidade de vencer. Quando um grupo atinge uma escala enorme, para integrar com pessoas desconhecidas, eles demonstraram “a capacidade de reconhecer a ficção” para manter o grupo. Isso são valores comuns, símbolos e fé. Após a “revolução científica”, “ismos”, como liberalismo, socialismo, comunismo e assim por diante, foram adicionados aos grupos. As pessoas no poder passaram a usar politicamente “termos românticos” como “dedicar a vida ao país” e “lutar pela justiça”. Isso que é a identidade política. Na sociedade contemporânea, ficou claro que as disputas não servem para ninguém, exceto para algumas pessoas gananciosas nos poderes políticos e econômicos.

Ulrich Beck adverte que a sociedade moderna entrou na “sociedade de risco”. A sociedade de risco é uma sociedade que entrou na era de novos riscos como questões ambientais, acidentes nucleares, engenharia genética etc., e tornou-se qualitativamente bastante diferente do passado, isso significa que a universalidade dos riscos transcende fronteiras e cria uma colaboração global, a chamada sociedade mundial (BECK, 2003).

O que é necessário, nesta nova sociedade, não é mais do que propagar a “capacidade empática” cultivada pela humanidade não apenas dentro do grupo, mas também para o exterior em uma direção apropriada.

## 5.5 Relativismo Cultural

O “Relativismo Cultural”, que é considerado a base da antropologia cultural contemporânea, é a ideia de que a cultura de cada grupo de humanos individuais (grupos étnicos etc.) deve ter sua individualidade, não sendo superior ou inferior em cultura, e deve ser igualmente respeitada. Isso leva à premissa fundamental da antropologia cultural que busca evitar seguir o evolucionismo centrado do Ocidente, a ideia do centrismo auto-étnico (autocultural) e explorar a lógica única de cada cultura (UCHIBORI, 2008, p.84-85). Esse pensamento foi expresso por Franz Boas da



América (que se tornou o primeiro professor do Curso de Antropologia da Universidade Colombiana, em 1899) e foi promovido por seus discípulos Ruth Benedict, Margaret Mead.

“A Origem das Espécies”, de Darwin, publicado em 1859, encorajou o pensamento científico sobre a evolução. No entanto, depois disso, contrariamente à intenção do próprio Darwin, foi usado por Galton como fundamento para a eugenia. Além disso, tornou-se popular o “evolucionismo social ocidental”, que é a supremacia da Europa Ocidental (Eurocentrismo) que afirma que as culturas também são algo que estão evoluindo e a cultura europeia é a mais avançada de todas, rebaixando a cultura de grupos étnicos como da Ásia e da África, que estão em desenvolvimento ainda. Por exemplo, Morgan defendeu a teoria de que a cultura e a sociedade da humanidade evoluem através de três estágios: “não-desenvolvida” → “selvagem” → “civilização”. Essa teoria de três estágios também influenciou Marx. O evolucionismo social foi amplamente utilizado para justificar convenientemente o domínio colonial, afirmando que os habitantes colonizados são atrasados e inferiores, portanto é correto dominá-los e ensinar a excelente cultura da Europa Ocidental. Embora essas ideias sejam, é claro, cientificamente e academicamente negadas hoje, essas ideias são persistentemente enraizadas na “discriminação racial”.

O “relativismo cultural” forneceu um ponto de vista importante contra a “discriminação racial” baseada na teoria da evolução social infundada, mas também enfrentou um novo problema. Utilizando o argumento do relativismo, pôde-se afirmar coisas como “Não se intrometa com nossa sociedade e cultura”, ou então, “Você é você, eu sou eu”, construindo uma base para a rejeição do diálogo. Por exemplo, diz-se que justifica a circuncisão das mulheres que acompanha cerimônias adultas (Excisão de uma parte da genitália), Sati (Prática de martírio da esposa na Índia) etc. É um problema de direitos humanos universais e conflito de elementos culturais contra ele. No entanto, essa é uma centralização autocultural que mudou de forma, mas, na realidade, é um isolamento cultural, que é diferente do que o “relativismo cultural” almeja. Nem todo elemento de uma cultura individual é justo e nem sempre traz felicidade para os membros

dessa sociedade. A cultura não é fixa, está sempre mudando e, no caso da cultura individual e da equidade universal, deve-se dar preferência a esta última. No entanto, é um pré-requisito do relativismo cultural que os padrões culturais ocidentais não são necessariamente padrões de justiça. Embora a imparcialidade universal das pessoas e o delineamento de culturas individuais e o delineamento de culturas e políticas não sejam necessariamente fáceis, julgamentos cuidadosos e discussões sobre isso são importantes.

## 6. Conclusão

A expansão do imperialismo japonês após a era Meiji e seu fim pela derrota foram o pano de fundo do fluxo de pessoas entre o arquipélago japonês e o exterior após a era moderna (RAN, 2008). Além disso, os emigrantes que foram ao exterior e, no sentido contrário, os descendentes e as famílias destes emigrantes (por exemplo, aqueles que permaneceram no continente da China) que voltaram ao Japão, foram mais uma grande onda de migração. Nos últimos anos, como resultado do desenvolvimento econômico e da globalização do Japão, muitos estrangeiros visitaram o Japão, e aumentou o número de estrangeiros que permaneceram no Japão por motivos como: estudo no exterior, trabalho e casamento. Existem vários livros disponíveis sobre a realidade e circunstâncias da multiculturalidade na sociedade japonesa dos últimos anos, portanto, gostaria que os consultassem<sup>8</sup>. Em relação a essa situação contemporânea no Japão, também é uma coisa relativamente bem conhecida, há também uma relação de papel, então não vamos mais mencionar isso aqui.

---

<sup>8</sup> Existem muitos estudos de caso sobre vida estrangeira no Japão e multiculturalidade nos últimos anos (por exemplo, SATAKE, 2011). Sobre os problemas que os estrangeiros que vivem no Japão enfrentam, também é importante entender a história da migração e a sociedade de destino da imigração. Em relação à migração, por exemplo, Makio Okabe disse que, como migrantes para o Japão, há (1) nações soberanas independentes (América, Brasil etc.) e seus governos locais, (2) colônias de estados soberanos independentes e esferas de poder (Havaí, Filipinas etc.), tal como a área onde o Japão não alcançou a soberania, (3) a área onde o próprio Japão usou como uma zona de colônia / poder (Taiwan, Coreia, Kanto, Manchúria, arquipélago de Nanyang etc.), ele divide em 3 regiões e compara as características de cada um (MAKINO, 2002). Em relação à imigração japonesa na Ásia, há uma pesquisa abrangente feita por Yoshihara Kazuo (YOSHIHARA, 2003a, 2003b). Em relação à América Latina, há pesquisas de Yanagida Toshio (YANAGIDA, 2002). Em relação à imigração brasileira, há pesquisas de Lily Kawamura (KAWAMURA, 2000).

Neste artigo, nós classificamos descobertas fundamentais como a evolução da humanidade e a formação dos japoneses para formar a base de reflexão sobre a situação multicultural no Japão nos tempos modernos. Muito recentemente, o conhecimento científico do DNA possibilitou o conhecimento da história da evolução e da migração dos seres humanos dos tempos antigos. Deve também afetar a ideia de “multiculturalidade” em humanidades e ciências sociais. Shinoda declara uma visão de mundo na perspectiva do DNA, da seguinte forma (SHINODA, 2007, p. 209):

Nossos ancestrais que partiram como caçadores-coletores inicialmente expandiram seu território por difusão suave. Antes de 10.000 anos atrás, quando a agricultura começou, uma nova onda de migração ocorreu no mundo, o que causou uma diferença regional que levou ao presente. Depois disso, essa diferença regional foi fixada ao longo da época histórica, mas a história dos seres humanos após o período das Grandes Expedições tornará ambíguos os limites dos grupos regionais subdivididos. Partindo da Europa e da África, um grande número de pessoas entrou no Novo Mundo, onde o DNA desses grupos não se encontrava desde as migrações da África, há dez mil anos. Tornando-se uma sociedade moderna, a migração dos seres humanos acelerou com o desenvolvimento do tráfego e, apesar da diferença de grau, agora é possível encontrar a maioria dos DNAs da humanidade, independentemente de onde no mundo está localizado.

Em relação ao caso do Japão, pode-se dizer também que é a segunda vez desde o período de transição Jomon-Yayoi, a época em que o DNA externo está fluindo e a homogeneização doméstica está progredindo. Olhando para o DNA do cromossomo Y, a sociedade japonesa aceitou as pessoas de fora sem muita confusão e, nesta segunda vez, que tipo de processo ocorrerá? Enquanto valorizamos a tradição e a cultura, nossa sabedoria será testada de forma a construir uma nova sociedade. No futuro de uma sociedade cada vez mais sem fronteiras, não posso acreditar que exista um futuro com enfoque particular no nacionalismo sem valor universal.

Desta forma, do ponto de vista da história humana, percebe-se que o conflito pela “raça” e pelo “grupo étnico” é bastante estúpido. Já mencionei que o modo de vida e os valores dos povos nativos serão eficazes para os problemas ambientais que a humanidade enfrenta. As diversas opções de sabedoria cultural cultivadas até agora

devem ser de grande utilidade para a resiliência da sociedade do futuro (adaptabilidade para sobreviver com flexibilidade). De um ponto de vista mais específico, “residentes estrangeiros japoneses”, incluindo nipo-brasileiros e seus descendentes, são pessoas que desempenham o papel importante de “conexão” para o país insular do Japão ir ao exterior. Junto com esses problemas pragmáticos, eles/elas também são a fonte de diversos valores.

Na “sociedade de risco”, como descrita por Beck, a inclusão do multiculturalismo é uma das fontes importantes para a resiliência social na era atual, onde a importância ligada ao mundo está aumentando cada vez mais.

## ■ Atividades

Compreendendo pontos fundamentais sobre a evolução humana, “capacidade empática”, a disseminação da humanidade e formação do povo japonês. Vamos comparar, refletir e discutir sobre o plano de fundo e como resolver questões como, por exemplo, o atrito e conflito entre diferentes grupos, como a relação entre a maioria e os povos nativos, tanto no Japão como no Brasil.

## ■ Lista de Figuras

Figura 1 - Modelo do esqueleto e do copor da Australopitecus Apharensis. (National Science Museum) (Foto cedida por: Yabu Baba)

Figura 2 - Modelo do esqueleto e do corpo do Homo-Erectus. (National Science Museum) (Foto cedida por: Yabu Baba)

Figura 3 - Modelo do esqueleto e do corpo do Homo-Neandertal. (National Science Museum) (Foto cedida por: Yabu Baba)

Figura 4 - Homo e Homo-Sapiens saindo da África e se espalhando pelo mundo. (BABA, 2015, p. 133)  
O homo se espalhou para a região temperada da Eurásia depois de 1,8 milhões de anos atrás, mas os homo sapiens se espalharam rapidamente por todo o mundo depois de 70.000 anos atrás.

Figura 5 - Expansão do norte da Ásia e entrada no arquipélago japonês. (BABA, 2015, p. 105)

Figura 6 - Os Haplo Grupos que os atuais nativos do continente americano possuem.(SHINODA, 2007, p. 96)

Figura 7 - Proporção dos Haplo Grupos que os Japoneses possuem. (SHINODA, 2007, p. 100)

Figura 8 - Proporção dos Haplo Grupos A e B e deslocamento da humanidade. (SHINODA, 2007, p. 108)

Figura 9 - “Conferência dos Povos Nativos” Fórum de Ainu Moshiri 2008. (Foto por Inamura)

Figura 10 - “Conferência dos Povos Nativos” intercâmbio no subcomitê de Ainu Moshiri. (Foto por Inamura)

## Referências

阿部健一（あべ けんいち）2018「地球のレジリエンス」奈良由美子・稲村哲也（編）2018『レジリエンスの諸相－人類史的視点からの挑戦』放送大学教育振興会、192-208頁

綾部恒雄（あやべ つねお）1994「エスニシティ」石川栄吉ほか（編）『文化人類学事典』、103頁

石井洋子2014「争いと平和」内堀基光、奥野克巳（編）『文化人類学』放送大学教育振興会、170-181頁

稲村哲也（いなむら てつや）2009「『先住民族サミット』アイヌモシリ2008に参加して」『共生の文化研究』2号、90-96頁

稲村哲也（編）2011『共生の文化研究』5号（特集：先住民族サミットinあいち2010）  
(<http://www.for.aichi-pu.ac.jp/tabunka/journal/index5.html>)

稲村哲也2014『遊牧・移牧・定牧－モンゴル、チベット、ヒマラヤ、アンデスのフィールドから』ナカニシヤ出版

内堀基光（うちぼり もとみつ）2014「5民族というものと現代性」2014内堀基光・奥野克巳『改訂新版 文化人類学』放送大学教育振興会、63-76頁

内堀基光2008「7文化相対主義と他者を見る眼」内堀基光・本多俊和（編）『新版 文化人類学』放送大学教育振興会、84-96頁

川村リリ2000『日本人社会とブラジル移民－新しい文化の創造をめざして』明石書店

斉藤成也（さいとう なるや）2015『日本列島人の歴史』岩波ジュニア新書812、岩波書店

斉藤成也2017『核DNAでたどる日本人の源流』紀伊国屋書店

佐々木てる（編）2016『マルチ・エスニック・ジャパニーズ ○○系日本人の変革力』明石書店

佐竹眞明（さたけ まさあき）（編）2011『在日外国人と多文化共生 地域コミュニティの視点から』明石書店

篠田謙一（しのだ けんいち）2007『日本人になった祖先たち DNAから解明するその多元的構造』日本放送出版協会

篠田謙一2015『DNAで語る日本人起源論』岩波書店

高橋和夫2017『パレスチナ問題』放送大学教育振興会

竹沢泰子（たけざわ やすこ）（編）2005『人種概念の普遍性を問う：西洋的パラダイムを越えて』人文書院

常本輝樹（つねもと てるき）2005「先住民族と憲法」本多俊和、大村敬一、葛野浩昭（編）2005『文化人類学研究 先住民の世界』放送大学教育振興会、271-297頁

奈良由美子・稲村哲也（なら ゆみこ・いなむら てつや）（編）2018『レジリエンスの諸相－人類史的視点からの挑戦』放送大学教育振興会

馬場悠男（ばば ひさお）2015『NHKカルチャーラジオ科学と人間 私たちはどこから来たのか 人類700万年史』NHK出版

ハラリ、ユバル・ノア（Harari, Yuval Noah）2016『サピエンス全史 文明の構造と人類の幸福（上）』河出書房新社（原著Sapiens : a brief history of humankind）

埴原和郎（はにはら かずろう）1995『日本人の成り立ち』人文書院

埴原和郎（編）2003『日本人はどこから来たか 日本文化の深層』（史話日本の古代第一巻）作品社

ベック、ウルリッヒ（Beck, Ulrich）2003『世界リスク社会論－テロ、戦争、自然破壊』平凡社（原著The risk society and beyond : critical issues for social theory）

本多俊和（ほんだ しゅんわ）2005「1 先住民とはなにか」本多俊和、大村敬一、葛野浩昭（編）『文化人類学研究 先住民の世界』放送大学教育振興会

本多俊和（ほんだ しゅんわ）2008「2 人種、そして民族」内堀基光・本多俊和（編）『新版 文化人類学』放送大学教育振興会、21-32頁

本多俊和、大村敬一、葛野浩昭（ほんだ しゅんわ、おおむら けんいち、くずの ひろあき）（編）2005『文化人類学研究 先住民の世界』放送大学教育振興会

柳田利夫（やなぎだ としお）（編）2002『ラテンアメリカの日系人 国家とエスニシティ』慶応義塾大学出版

山極寿一（やまぎわ じゅいち）（2008）『人類進化論－霊長類学からの展開』裳華房

吉原和夫（よしわら かずお）（編）2013a『人の移動事典 日本からアジアへ・アジアから日本へ』丸善出版



吉原和夫（編）2013b『現代における人の国際移動－アジアの中の日本』慶応義塾大学出版

蘭信三（らん しんぞう）（編）2008『日本帝国をめぐる人口移動の国際社会学』不二出版



Esta obra está licenciada com  
uma Licença Creative Commons  
Atribuição 4.0 Internacional